

lothar charoux  
retrospectiva  
museu de arte moderna do rio de janeiro  
18.7 — 3.8.74

A retrospectiva Lothar Charoux, que agora se apresenta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, foi inicialmente exibida, em maio último, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Vivendo no Brasil desde 1928, sua atuação como pintor e desenhista vem-se estendendo continuamente entre nós há mais de trinta anos, numa contribuição que se evidencia sobretudo pela coerência evolutiva.

Superada a fase inicial figurativa, sob a influência básica de seu professor Waldemar da Costa, a fidelidade a uma mesma linguagem vale por definição do trabalho de Lothar Charoux nos últimos quinze ou dezesseis anos. Das fórmulas estilísticas fundamentadas no expressionismo e no cubismo veio chegando, pouco a pouco, aos limites externos da abstração. Assim, por volta de 1955 — quando já se havia estabelecido, especialmente através do impacto das representações suíça e alemã na I Bienal de São Paulo, em 1951, o clima propício para o ingresso da arte concreta entre nós — ele assume, inteira e definitivamente, o rumo da pura construção rigorosa de um novo espaço pictórico, abandonando de vez qualquer indício alusivo e se tornando, como disse Walter Zanini, um “morfólogo da linha pura, de características precocemente **op**”.

Desde então, ligado ao nosso movimento de arte concreta e a grupos posteriores de pesquisa óptica, concentrou seu desenho e pintura no desdobramento de uma série de problemas de ritmos visuais rigorosamente projetados, segundo processo de contraste entre o fundo chapado, claro ou escuro, e o “acontecimento” visual surgido da interpenetração de estreitas faixas lineares brancas ou vivamente coloridas. Esses jogos de pura visualidade, recolocando de outro modo o diálogo do claro e do escuro, da luz e da sombra, da forma e do fundo, sem abandonar em momento algum o âmbito do não-figurativo, estão encaminhando o trabalho de Charoux, de maneira coerente e inevitável, para a superação do plano e o ingresso no espaço tridimensional, que nessas pinturas e desenhos de antes e de agora já se encontra implícito na virtualidade de um movimento que não cessa de acumular-se. As linhas, embora fixadas no papel ou na tela, não estão paradas, porque o nosso olhar as percorre e move.

Roberto Pontual